

FORMAÇÃO DA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA
UNIÃO DO OESTE LTDA - COOPERUNIÃO

*FORMATION OF THE CO-OPERATIVE FOR CROPS AND ANIMALS
RAISING PRODUCTION UNIÃO DO OESTE LTDA - COOPERUNIÃO*

Candido Giraldez VIEITEZ¹

Neusa Maria DAL R²

INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é mais conhecido como movimento de luta pela reforma agrária. No entanto, uma dimensão estratégica de sua atividade é a organização da produção nas terras conquistadas – assentamentos – mediante a constituição de cooperativas de produção agropecuárias com base no trabalho associado autogestionário.

A Cooperativa de Produção Agropecuária União do Oeste Ltda – Cooperunião, localizada no Município de Dionísio Cerqueira, Santa Catarina, foi fundada em 1º de outubro de 1990 e, atualmente, é uma das cooperativas mais bem sucedidas do MST.

O Assentamento Conquista na Fronteira congregava cinquenta e seis famílias na época de realização da pesquisa¹. Os depoimentos que seguem foram prestados por três dirigentes da Cooperativa, um membro do Conselho Diretor e dois membros do Conselho Social e Político.

1 HISTÓRIA DA FORMAÇÃO

O processo de formação do Assentamento ocorreu em sintonia com a tática de luta utilizada pelo MST. As famílias permaneceram

¹Professor doutor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp - Campus de Marília, e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Bandeirantes.

² Professora livre-docente do Departamento de Administração e Supervisão Escolar e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp - Campus de Marília.

³ O levantamento de dados empíricos na Cooperunião foi realizado em setembro de 2002.

acampadas realizando ocupações de terras durante anos até que lhes foi destinada a área que hoje é da Cooperunião.

Em 25 de maio de 1985 foi a primeira ocupação de terras em Santa Catarina que envolveu 1600 famílias. Houve duas ocupações: Bandeirantes e Abelardo Luz. Esperidião Anim era o governador. A ocupação era coisa nova e o governo se assustou e começou a assentar famílias. Assentava primeiro quem era mais velho e tinha mais filhos. Logo o governo se tocou que não poderia fazer isso, pois outras famílias reivindicariam terras.

O governo foi colocando obstáculos, alegando que não tinha terras etc. O grupo do Município estava ligado à Igreja, sindicatos. etc.

O movimento dos sem-terras e pela reforma agrária no Brasil tem várias vertentes, não apenas aquela ligada ao MST. O MST destaca-se pelo seu nível de organização e autonomia política, bem como pela sua tática de realizar ocupações, o que lhe dá uma maior visibilidade e liderança. No caso do Assentamento Conquista na Fronteira, o acampamento próximo à área, no município de Dionísio Cerqueira era ligado às forças sindicais e da Igreja, enquanto que o acampamento do MST estava a 100 km de distância.

O pessoal que foi assentado tinha muitas dificuldades, pois a terra era ruim e não havia nenhuma assistência. Muita gente ficou seis meses e foi embora.

O pessoal aqui ficou acampado três anos e três meses.

E se perguntava: como vai ser com a gente? Vamos resistir? Surgiu a idéia de trabalhar coletivamente.

Descobriu-se, em 1988, que tinha essa área que ia ser leiloada, porque o fazendeiro perdeu a área. E que era do banco Itaú. Ocuparam a área para pressionar. Houve uma intervenção das autoridades, o prefeito, o sindicato dos trabalhadores rurais que era oficialista. Eles queriam que fossem assentadas as famílias do município e não do MST. Então, foi feito um acordo: 25 famílias do município e 35 do MST que estavam acampados a 100 km daqui.

Com a ocupação já ficaram mais articulados com o MST. A essa altura, já havia um acordo do MST com o INCRA [Instituto Nacional da Reforma Agrária] que aqui seria um trabalho do coletivo. As famílias do município tiveram dificuldade em entender isso.

Quando o MST optou por organizar a produção nos Assentamentos, passou também a preconizar formas de organizações

coletivas. A forma mais representativa desse tipo de organização é a Cooperativa de Produção Agropecuária (CPA) que tem a posse coletiva dos meios de produção. Porém, essa proposição político-econômica não tem uma implantação automática nos Assentamentos, uma vez que há ainda grande resistência dos Sem Terra em aceitarem a forma coletiva de propriedade e trabalho.

Para a escolha dos assentados do município havia uma comissão local. E houve comunidades que escolheram as melhores famílias e outras que escolheram as que mais incomodavam, as piores. Aí surgiu o problema de como vamos trabalhar no coletivo.

O Assentamento tem 1200 hectares, são 20 hectares por família. Legalmente eu tenho 20 hectares, mas não foi medido.

O pessoal do assentamento já tinha essa experiência, onde tinha lote medido, o cara descontente ia embora. Tinha duas realidades: a do grupo do município e a do grupo Movimento. Passaram a trabalhar com dois grupos. O pessoal do município também tinha uma liderança. Inicialmente dividiu-se mais ou menos a terra, o pessoal do MST de um lado e o do município do outro. O pessoal do MST liberou pessoas para ajudar o pessoal do município para se organizar. Mas, tinha-se em mente ajuntar tudo. Em fins de 1989, entendemos a necessidade de criar uma organização para comercializar, comprar, etc. E surgiu a idéia da cooperativa que foi formada em 1 de outubro de 1990 só com o pessoal do MST.

Em 1991, entendeu-se que precisava unificar os grupos. Juntamos por partes, aos poucos, começamos pela apicultura. Em 1992 unificamos o gado de corte. A essa altura, cada grupo tinha um trator. Depois disso, compramos uma colheitadeira, juntos. A realidade foi pressionando para unificar tudo, o que ocorreu em 1994.

No início tinha os dois grupos, e o pessoal do MST já veio politizado. Trinta e cinco que queriam trabalhar coletivizado. O pessoal do município tinha outra visão e muitos desistiram. E foi uma *peleia*. Se tirou no Movimento que o assentamento seria coletivo. O outro grupo imaginou desmanchar o coletivo, mas não conseguiram. E o sindicato era pelego. Havia muito conflito interno. Mas aos poucos as pessoas que vinham já eram mais favoráveis ao coletivo.

2 ESTRUTURA DE PODER

Além dos mecanismos clássicos de deliberação presentes no cooperativismo, como a assembléia geral, diretoria executiva, conselho administrativo e fiscal, o MST criou uma estrutura mais ampla que propicia o exercício da democracia direta dos associados. Destacam-se nessa estrutura os núcleos de base (ou núcleos de famílias) e os setores de trabalho que pressupõem uma certa divisão do trabalho.

Da assembléia geral, órgão máximo, participa todo mundo, inclusive as crianças com mais de 12 anos, com a concordância dos pais. As crianças votam dependendo do assunto.

Tem ainda o Conselho Diretor (CD) e o Conselho Social e Político (CSP).

O Conselho Diretor é formado por cinco pessoas e administra a cooperativa economicamente. É renovado a cada três anos por meio de voto secreto.

O setor de pesquisa e comércio é formado por três pessoas, voltadas para as questões do mercado. O setor de finanças tem três pessoas. Setor de controle de custos, três pessoas e fazem o cálculo de custo de tudo. O setor de produção tem oito pessoas que fazem o planejamento anual.

Há sete equipes de trabalho: 1) gado e leite; 2) apicultura, peixe, suínos; 3) grãos (milho/soja), secagem, gado, corte, oficina mecânica; 4) frigorífico, abate etc., 5) subsistência e creche; 6) pomar, erva mate, lenha e reflorestamento; 7) construções, galpões e casas. Cada coordenador das equipes compõe o setor de produção e mais um membro do conselho diretor.

Cada membro do conselho diretor participa de um setor e um faz a ligação entre CD e CSP.

Nas equipes de trabalho para alocar as pessoas tenta-se saber qual a sua afinidade. Não dá para contentar todo mundo, mas tenta-se.

O CSP é formado por seis pessoas e administra politicamente e tem as comissões. Comissões de: a) educação, sete pessoas e cuida desde da creche até a faculdade. É um setor onde todos participam. b) saúde, cuida desde a limpeza das casas até a prevenção; c) esporte e lazer.

Núcleos de base são seis grupos formados cada um por mais ou menos dez famílias. Cada coordenador de núcleo de base faz parte do CSP. Os núcleos discutem e indicam uma pessoa para defender a proposta na assembléia.

Tem o estatuto, comum a todas as cooperativas. E tem o regimento geral que tem as normas etc.

3 DISTRIBUIÇÃO

Nas organizações de trabalho associado, a distribuição dos rendimentos e benefícios é ou eqüitativa ou igualitária. No caso das CPAs do MST, a distribuição é igualitária, embora as retiradas variem em função das horas trabalhadas. Um fator que favorece essa política distributiva é que a divisão do trabalho no campo é pouco estratificada, com predominância de uma massa de trabalhadores profissionalmente não qualificados. Outro fator que induz ao igualitarismo é que este critério é uma determinação política do MST.

O coordenador das equipes de trabalho marca as horas trabalhadas de todos. As retiradas são de acordo com as horas trabalhadas.

A jornada de trabalho é de segunda a sexta, os homens trabalham no mínimo oito horas, e as mulheres no mínimo quatro horas. Se há necessidade, trabalha-se mais horas.

As pessoas têm quatro dias para usar como quiser, mas não ganha. Se usar mais do que quatro dias tem multa. Tem férias de 15 ou 20 dias, mas não ganha. As pessoas ganham mais ou menos iguais.

As crianças começam a trabalhar com 12 anos. De 12 a 14 anos, recebem 50% das horas trabalhadas. De 15 a 17 anos recebem 80% do valor das horas trabalhadas. E quando faz 18 anos, passam a ser sócias e ganham os 100%.

As pessoas recebem uma cota de subsistência de acordo com as horas trabalhadas, por família. Se não consome, pode vender, trocar, etc. De seis em seis meses há distribuição das sobras, que também segue o padrão das horas trabalhadas.

Os que trabalham fora, por exemplo o vereador e a professora, deixam o salário com a cooperativa e recebem pelas horas trabalhadas igual a todo mundo. Mas, por exemplo, o vereador precisa de roupas, viagem etc., então recebe um adicional.

A distribuição é decidida na assembléia.

A Cooperunião passou por períodos de dificuldades econômicas e políticas. Mas, hoje, é um empreendimento financeiro e economicamente equilibrado, com um bom potencial de desenvolvimento e, no aspecto social e político, mostra-se coeso.

CANDIDO G. V.; DAL RI, N. M. Formation of the Co-operative for Crops and Animals Raising Production União do Oeste Ltda - Cooperunião *Revista ORG & DEMO* (Marília), n. 4, p. 119-124, 2003.